

ASPECTOS DA DIÁSPORA AFRICANA EM *TUMBU* (2007), DE MARCONI LEAL: AS RESSIGNIFICAÇÕES DO PASSADO NAS NARRATIVAS JUVENIS BRASILEIRAS HÍBRIDAS DE HISTÓRIA E FICÇÃO

Cristian Javier Lopez¹
Gilmei Francisco Fleck²
Raimundo Nonato Duarte Corrêa³

RESUMO: Este texto expõe reflexões sobre a narrativa juvenil híbrida de história e ficção *Tumbu* (2007), de Marconi Leal, no que diz respeito às representações da diáspora africana no Brasil colonial. Esse relato ficcional apresenta uma trajetória da diáspora pelo olhar de uma criança escravizada. Assim, procuramos refletir sobre o potencial das escritas híbridas juvenis brasileiras como vias à descolonização ao longo do processo de formação leitora.

Palavras-chave: *Tumbu*; Literatura Juvenil Brasileira; Diáspora Africana; Formação do leitor.

ABSTRACT: This text presents some reflections about de juvenile narrative *Tumbu* (2007), by Marconi Leal concerning the representation of the African diaspora along the Brazilian Colonial period. The book presets to the juvenile Brazilian readers a trajectory of the African diaspora through the eyes of an enslaved child. So, we reflect about the potential of the juvenile Brazilian hybrid narratives as paths to the decolonization along the reader's formation process.

Keywords: *Tumbu*; Juvenile Brazilian Literature; African Diaspora; Reader's formation.

Introdução

Neste texto buscamos tecer algumas reflexões sobre a diegese da obra juvenil *Tumbu* (2007), de Marconi Leal. Nesse exercício, destacamos o que nela diz respeito às representações da diáspora africana, um processo histórico que produziu cerca de 15 milhões de corpos escravizados no “Novo Mundo” (NOGUEIRA; SAMPAIO, 2020). Essa obra da literatura brasileira é considerada por nós como uma narrativa juvenil híbrida de história e ficção, pois nela se entrecruzam eventos registrados na historiografia – como a diáspora africana que resultou no contingente escravizado pelas potências colonizadoras europeias, assim como o próprio processo de colonização do Brasil pela coroa portuguesa, em meados do século XVI – com relatos produzidos a partir das premissas da ficção, nos quais personagens metonímicas –

¹ Email: cristianjlopez2@gmail.com

² Email: chicofleck@yahoo.com.br

³ Email: duarte1312@gmail.com

representantes de uma coletividade – vivenciam, por um lado, as atrocidades da escravização (diáspora africana) e, por outro, a prática do escravismo em prol do acúmulo de bens e riquezas (colonização da América).

O relato ficcional de Leal (2007) apresenta aos leitores juvenis brasileiros uma trajetória da diáspora africana – rumo à escravização durante o período colonial do Brasil – por meio de uma perspectiva outra que privilegia o olhar de uma criança. Esse protagonista das ações narradas – Tumbu – tem seus pais capturados por uma tribo inimiga e eles são, assim, trocados por mercadorias com os portugueses. Esses, por sua vez, irão escravizá-los nas longínquas terras da colônia do Brasil, espaço incógnito pelo qual o pequeno garoto vai se aventurar em busca de localizar os seus pais e, de algum modo, libertá-los dessa situação desumana. Nossa leitura procura evidenciar como as narrativas juvenis brasileiras híbridas de história e ficção hodiernas têm buscado ressignificar o passado por meio da arte literária e, nesse intento, têm se aproximado, de forma bastante significativas, das escritas híbridas das modalidades críticas de romance histórico, produzidas no âmbito da literatura para o público adulto.

Desse modo, *Tumbu* (2007) apresenta traços discursivos, escriturais e de ordem estrutural que nos possibilitam relacioná-lo com a modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, segundo expressam os estudos de Fleck (2017), nos quais se estabelece a trajetória do romance histórico em três fases (acrítica, crítica/desconstrucionista e crítica/mediadora) e cinco modalidades expressivas em terras latino-americanas (romance histórico clássico scottiano, romance histórico tradicional; novo romance histórico latino-americano, metaficção historiográfica, romance histórico contemporâneo de mediação). Essa modalidade crítica/mediadora com a qual a obra de Leal se aproxima é decorrente dos ajustes requeridos pelos narradores latino-americanos do período do pós-*boom* (década de 1980 em diante) em relação aos experimentalismos linguísticos e formais que caracterizaram as escritas complexas do período do *boom* da literatura latino-americana (décadas de 1960 e 1970).

Nesse sentido, para discutir a importância do texto literário como ampliador de horizontes na formação leitora dos jovens estudantes brasileiros, os pressupostos de Candido (1972), Silveira (2005) e Goulart (2007) são evocados. Os apontamentos de Mattos (2012) e Rocha (2018) auxiliam-nos a dimensionar o processo de escravização e, conseqüentemente, também da diáspora africana (NOGUEIRA; SAMPAIO, 2020) e da implementação da Colonialidade (MIGNOLO 2017a/2017b) na América. Nossa análise revela o potencial das escritas híbridas juvenis brasileiras como vias para a descolonização das mentes e do imaginário latino-americano ao longo do processo de formação leitora.

A história da América é profundamente marcada pelo olhar eurocêntrico, oriundo do processo de colonização. Nesse percurso histórico nossas terras passaram do domínio dos povos originários que as habitavam à posse e à propriedade das monarquias europeias que, no final do século XV e início do século XVI, estabeleceram processos de subjugação, controle e exploração do território e das gentes americanas. Esse processo de colonização europeia na

América, levado a cabo sob os pretextos da retórica da modernidade/civilidade (MIGNOLO, 2017) – construída pelo discurso eurocêntrico –, implementou em nossas terras o sistema escravagista de produção.

Conforme aponta Mattos (2012, p. 64), “de início, o habitante nativo, ou seja, o índio, foi escolhido para tal fim, mas logo foi substituído pelo escravo africano, tornando-se um dos braços dessa empresa colonial.” A demanda de mão de obra para o efetivo cultivo das terras americanas anexadas às coroas europeias entre os séculos XV e XVI promoveu a diáspora forçada e desumana de milhões de africanos trasladados às nossas terras. Desse modo, “a exploração do negro no Brasil ocorreu desde a sua colonização até os dias de hoje, o povo que descende de escravo enfrenta um processo de marginalização e discriminação enraizada em uma herança colonial capitalista [...]” (ROCHA, 2018, p. 24).

A colonização da América pelas metrópoles europeias, iniciada no final do século XV pelas viagens de Cristóvão Colombo as quais o levaram, a princípio, a anexar as ilhas do Caribe às possessões da coroa espanhola, marca na história ocidental o início da Era Moderna. Essa “Modernidade” é “uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa, uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar as suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, o seu lado mais escuro, a ‘colonialidade’.” (MIGNOLO, 2017b, p. 2). Dessa maneira, esse impulso de modernidade traz em seu âmago uma “matriz colonial de poder (MCP)” (MIGNOLO, 2017a, 2017b) que, como afirma o autor, gerou uma teoria de dependência monocêntrica e transformou a ordem mundial, cujas consequências todos nós vivemos na atualidade.

Tornar a realidade da diáspora africana, inserida nesse contexto histórico, inteligível para jovens estudantes brasileiros é uma ação de descolonização das mentes e do imaginário latino-americano ainda necessário em nossa sociedade. Nesse sentido a arte literária tem contribuído de uma forma relevante ao produzir narrativas híbridas de história e ficção, voltadas a um público bastante jovem, nas quais se busca ressignificar essa trajetória dos povos africanos de uma forma bastante crítica. Para este texto, elegemos entre as obras disponíveis sobre essa temática, voltadas a jovens leitores, o relato *Tumbu* (2007), de Marco Leal. Nossa escolha deve-se ao fato de nela encontrarmos a descrição da diáspora africana e de muitas das suas implicações expressadas pela perspectiva inocente, às vezes ingênua e outras irônicas, de uma criança que se faz adolescente na esperança de reencontrar seus pais escravizados. É a esse percurso da personagem Tumbu que nos dedicamos à continuação.

1. *Tumbu* (2007), de Marconi Leal: a diáspora africana aos olhos de uma criança escravizada – as agruras da colonização portuguesa no Brasil

Marconi Leal cria, em *Tumbu* (2007), uma diegese na qual se narra a trajetória de uma criança africana que deixa sua terra e vem ao Brasil no intuito de resgatar seus pais da

escravidão. A personagem protagonista do relato juvenil híbrido de história e ficção presenciou a captura de seus pais de forma brutal e não pode fazer nada naquele momento para os ajudar. Foi, então, que essa criança tomou a decisão mais importante de sua vida: embarcou, clandestinamente, em um navio negreiro, com destino ao Brasil, para, aqui, buscar pelos seus progenitores.

A obra é composta de 21 capítulos e a diegese é narrada por uma perspectiva intradigética que relata, de forma linear, os fatos vivenciados pela personagem Tumbu, por meio da voz autodiegética do protagonista, como podemos observar nesse fragmento: “primeiro ouvi um som como de uma flecha: *zift...* depois, senti o pé do meu pai nas minhas costas. Fui atirado para dentro da lagoa e demorei um longo tempo debaixo d’água, porque nadar nunca foi o meu forte.” (LEAL, 2007, p. 9). Em seguida, a personagem Tumbu conta que “quando finalmente consegui colocar a cabeça para fora da água, vi meu pai e minha mãe presos na rede. Ele olhava para mim com os olhos tristes.” (LEAL, 2007, p. 9). Ao ser personagem dos relatos compartilhados na diegese, a voz enunciativa do discurso ancora-se nas suas próprias vivências para evidenciar e relatar o processo forçado da diáspora africana às terras coloniais portuguesas do outro lado do Atlântico.

Nesse sentido, mesmo voltada a leitores bastante jovens, essa narrativa híbrida de história e ficção juvenil traz à tona as brutalidades da captura e do tráfico dos africanos, o sofrimento da escravidão e a vida subjugada desse contingente na colônia portuguesa na América. Tal processo, na obra de Leal (2007), é mostrado pela perspectiva de uma criança que, ao deixar sua terra, é impulsionada pelo desejo de rever e libertar a seus pais no período do início da colonização portuguesa no Brasil.

Na historiografia, relata-se que os negros africanos eram capturados, presos e vendidos pelos traficantes europeus como escravos tanto no seu continente quanto no americano (MATTOS, 2012). Esses relatos, contudo, não mostram a dor insuportável de um filho ao ver seus pais sendo presos, injustamente, e sem poder fazer nada para os libertar. O autor, Marconi Leal, nesse relato ficcional, elege uma perspectiva outra – a de um menino africano que fica sem os pais, que foram capturados pelos portugueses – como via para mostrar outras vivências desse período histórico. São, pois, as peculiaridades do discurso ficcional que transmitem aos leitores da obra de Leal (2007) as bases, os procedimentos e as agruras da diáspora africana no início da colonização do Brasil.

Na visão do pequeno Tumbu, a captura de seus pais seguiu um procedimento específico, pois os portugueses “[...] deixavam uns barris cheios de um líquido que parecia água e algumas caixas fechadas no chão dos Aimimi [tribo africana]. Em seguida, arrastaram os prisioneiros de nossa aldeia e seguiram com eles por entre as folhagens na direção do litoral.” (LEAL, 2007, p. 20). O leitor se dá conta de que nesse relato há uma troca de mercadoria, pois os barris voltavam vazios e os prisioneiros feitos pelos Aimimis são entregues aos traficantes

portugueses. Com esse fato, surgiu a ideia de colocar Tumbu dentro de um dos barris para, assim, atravessar o oceano Atlântico e poder rever seus pais.

No relato ficcional, a arriscada empreitada funciona e o protagonista passa, assim, os horrores de uma travessia clandestina em um navio negreiro rumo ao Brasil, como lemos no fragmento destacada a seguir: “[...] naquela madrugada, quando a aldeia toda estava mergulhada no sono, me dirigi ao litoral. Ali, Pedu, implorando silêncio, me levou com extremo cuidado para o interior de sua embarcação e me escondeu lá no fundo, dentro de um barril.” (LEAL, 2007, p. 29). As percepções dessa travessia feita pelo menino são reveladas na tessitura do relato:

Ali, as pessoas se aglomeravam, amarradas, suadas, sangrando e levando chicotadas dos Brancões quando reclamavam de alguma coisa. As necessidades – cocô e xixi – eram feitas por toda parte e empestavam o ar de tal maneira [...]. Banho era uma coisa que não existia e comida só aparecia raramente. Dormir era quase impossível. Os gritos, os gemidos, os lamentos dos prisioneiros, as chicotadas e gritos dos Brancões, o ruído apavorante do mar, tudo isso era um tormento para mim. Muita gente não resistiu à travessia e morreu de dor, saudade, fome, doença e sofrimento. (LEAL, 2007, p. 31-32-34).

Muito mais do que uma travessia incômoda, o relato da personagem Tumbu traz à tona para leitores juvenis brasileiros questões relativas à colonialidade do poder que, entre outras questões busca evidenciar que, nesse sistema escravocrata, “a inferioridade racial dos colonizados implicava que não eram dignos do pagamento de salário. Estavam naturalmente obrigados a trabalhar em benefício de seus amos.” (QUIJANO, 2005, p. 120).

Essa angustiante travessia ao Atlântico, realizada pela personagem Tumbu, é relatada no capítulo 4, “Mares nunca dantes navegados”, cujo título remete à expressão da obra *Os Lusíadas* (1572), de Luis Vaz de Camões. Essa intertextualidade conduz o leitor, em primeira instância, às empreitadas de expansão portuguesa na época das grandes navegações e à era dos grandes descobrimentos. Ela pode ser um meio pelo qual a leitura literária, realizada no espaço da sala de aula, pode adquirir uma dimensão interdisciplinar, pois

[...] a intertextualidade introduz um novo modo de leitura que solapa a linearidade do texto. Cada referência textual é o lugar que oferece uma alternativa: seguir a leitura encarando-a como um fragmento qualquer que faz parte da sintagmática do texto ou, então, voltar ao texto de origem [...]. Estes dois processos operando simultaneamente semeiam o texto com bifurcações que ampliam o seu espaço semântico. (NITRINI, 2000, p. 164-165).

Ampliar a experiência de leitura das narrativas híbridas de história e ficção junto aos jovens estudantes, pela mediação do docente, é, nesse sentido, uma ação de leitura que leva à decolonialidade, pois o processo de formação leitora crítico é um objetivo que demanda tempo e esforço, já que “[...] a decolonialidade é um processo de ressignificação a longo prazo, que não pode se reduzir a um acontecimento jurídico-político⁴.” (CASTRO-GÓMEZ; GROSGUÉL, 2007, p. 17 – nossa tradução). As leituras híbridas, como a que aqui abordamos, que se abrem às relações intertextuais, possibilitam um enfoque transdisciplinar, pois estão ancorados no uso dessa estratégia escritural de amplificação de sentidos cuja compreensão precisa ser estimulada e incentivada pelos docentes em sala de aula já que, como defende Jesús Camarero (2008, p. 26),

[...] a intertextualidade é, sobretudo, um fenômeno de recepção, por quanto é o leitor quem detecta ou reconstitui a relação intertextual e que é, definitivamente, nesta última instância, onde se leva a cabo todo o jogo de relações intertextuais, potencialmente existentes no interior do tesouro multissecular acumulado em nossas tradições literárias e culturais.⁵ (Nossa tradução).

Esse potencial intertextual da obra de Leal (2007) precisa ser acionado na prática da leitura de *Tumbu*. Ao se associar a obra de Camões, *Os Lusíadas* (1572) – evocada na escrita híbrida de Leal (2007) – à temática das grandes navegações e, conseqüentemente, à colonização do Brasil temos um meio histórico e cultural de levar os jovens estudantes brasileiros a dimensionarem o tempo, o espaço, as causas e as conseqüências da diáspora africana que, implementada pela corte portuguesa, gerou a escravização de tantos sujeitos em nossas terras como retrata a obra *Tumbu* (2007). A literatura brasileira juvenil híbrida de história e ficção, valendo-se das intertextualidades para ampliar “o seu espaço semântico” (NITRINI, 2000, p. 165), aproxima-se, desse modo, das escritas críticas do romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2017), produzido, majoritariamente, para o público adulto. Conforme destaca Klock:

[...] tais produções, entre outros aspectos, buscam estabelecer um diálogo de aproximação entre os leitores menos especializados, não expertos em teoria ou análise literária, fazendo da arte literária um meio de relação dialógica entre

⁴ Texto original: [...] la decolonialidad es un proceso de resignificación a largo plazo, que no se puede reducir a un acontecimiento jurídico-político. (CASTRO-GÓMEZ; GROSGUÉL, 2007, p. 17).

⁵ Texto Original: [...] la intertextualidad es, sobre todo, un fenómeno de recepción, por cuanto es el lector quien detecta o reconstruye la relación intertextual y que es, en definitiva, en esta instancia última, donde se lleva a cabo todo el juego de relaciones intertextuales, existentes en potencia en el interior del tesoro multissecular acumulado en nuestras tradiciones literarias culturales. (CAMARERO, 2008, p. 26).

os autores e o público receptor. Ao abandonarem as excessivas complexidades formais e linguísticas cultivadas no *boom*, os narradores do pós-*boom* valem-se de uma linguagem muito próxima àquela de uso corrente entre os leitores atuais e apostam nas estruturas cronológicas lineares para envolverem os leitores na sequência das ações narradas. (KLOCK, 2021, p.178).

Como exemplos dessa relação perceptível entre essa modalidade crítica/mediadora de romance histórico escrita para o público adulto e a obra juvenil de Marconi Leal (2007), destacamos algumas das características apontadas por Fleck (2017, p. 109-111) como inerentes a essas produções híbridas também contempladas nessa escrita híbrida da literatura juvenil brasileira:

1- Uma releitura crítica verossímil do passado [...] para conferir um tom de autenticidade aos eventos históricos renarrativizados no romance [...]. 2 - Uma narrativa linear do evento histórico recriado. [...]. 3 - Foco narrativo geralmente centralizado e ex-cêntrico [...] comparte dos propósitos da nova história de evidenciar perspectivas “vistas de baixo” [...]. 4 - Emprego de uma linguagem amena, fluída, coloquial. [...] As frases são, geralmente, curtas e elaboradas de preferência na ordem direta, e com um vocabulário mais voltado ao domínio comum que ao erudito. [...] 5 - Emprego de estratégias escriturais bakhtinianas. 6 - Presença de recursos metaficcionalis.

Tais especificidades da tessitura narrativa são, em grande medida, também contempladas na escrita de *Tumbu* (2007). Destacamos, entre elas, a verossimilhança na construção da diegese, a linearidade adotada na exposição das ações do protagonista em busca de salvar a seus pais; o foco narrativo centrado em uma personagem ex-cêntrica – uma criança que recebe o destaque de voz enunciadora do discurso; a linguagem empregada na tessitura das ações, a qual busca aproximar-se do universo linguístico cotidiano dos leitores, entre outras possíveis aproximações as quais um estudo mais profundo pode conduzir.

São, pois, os olhos do menino *Tumbu* e a ingenuidade de suas percepções que passam a revelar ao leitor-alvo, jovens como o próprio protagonista, as experiências de uma diáspora cheia de conflitos, enfrentamentos, enganos e desenganos para milhões de sujeitos arrancados de sua terra, cultura e existência para compor a força motriz da colonização de um território imenso como foi a colônia portuguesa na América. Conforme explicitam Nogueira e Sampaio:

[...] no caso do negro, a historiografia registra que a diáspora africana produziu nas Américas, pela rota do Atlântico, cerca de quinze milhões de corpos que foram escravizados no Novo Mundo. O trabalho não assalariado se acentuava como a forma “natural” e indicava o “Outro” ou ao “Outro-escravizado”, o estigma de inferioridade que apresentava-se como mais um tentáculo da colonialidade do poder.(NOGUEIRA, SAMPAIO, 2020, p.19).

Essa realidade histórica é, também, vivenciada pelo protagonista do relato híbrido de Leal (2007), pois, o menino, na chegada ao Brasil, ao se ocultar em uma praia, adormece e, encontrado pelos traficantes, é acordado

[...] com os gritos, berros e urros de três Brancões, gordos e altos, que carregavam os paus brilhantes que soltavam fogo e me apertavam os braços e o rosto. [...] eles me arrancaram de onde estava e me levaram, aos chutes e pontapés, com as mãos amarradas nas costas, na direção do litoral. Tinha sido capturado. Estava preso. (LEAL, 2007, p. 37).

Desse modo, a sequência de ações da diegese de *Tumbu* (2007), possibilita ao jovem leitor brasileiro acompanhar a vida desse garoto no Brasil colônia, na situação de uma criança escravizada. Não encontramos registros histórico sobre o garoto Tumbu, mas sabemos que ele é personagem metonímica, cuja configuração engloba todos os garotos e garotas que, à época da “conquista” e colonização da América pelos europeus, tiveram suas famílias desfeitas e não mediram esforços para rever seus pais que haviam sido escravizados em terras além do Atlântico.

No relato que faz o protagonista, podemos entender que o negro era quem realiza as principais tarefas nas fazendas da colônia e que o branco apenas dava ordens. Tumbu, ao chegar à plantação na qual iria servir de escravo, foi analisado pelo proprietário, conforme é relatado no fragmento destacado da obra: “[...] meteu o dedo na minha boca, deu um peteleco na minha garganta, beliscou meu peito e fez uma série de outras coisas estranhas, que era a forma dos Brancões cumprimentar as pessoas que acabavam de chegar.” (LEAL, 2007, p. 60).

A obra, nesse sentido, busca ser verossímil na descrição das ações com as quais o protagonista, inserido em um contexto absolutamente novo para ele e sem entender a língua que se fala, acaba se defrontando. Como já havia sido “examinado” dessa forma várias vezes, a personagem atribuiu a esses gestos e ações um significado que, na sua cultura, poderia ser interpretado como “maneiras de saudação”. Nesse sentido, embora as cenas pareçam de uma absoluta ingenuidade da personagem, elas são verossímeis e revelam, também, os choques culturais vivenciados pelos africanos transportados a essa realidade desconhecida para eles.

Não sendo o garoto, agora chamado de Bento, ainda forte o suficiente para o trabalho forçado na plantação de cana-de-açúcar, outro foi o seu encargo como escravo da fazenda: suportar os maus-tratos das personagens Rodriguinho e Carolina, os filhos mimados dos senhores do engenho. Como nos conta Tumbu, o Rodriguinho “[...] passavam o dia inteiro dando pinotes sobre minha cabeça, me fazendo de montaria, me batendo com uma vara e, quando estava meio chateado da vida, me queimava com brasa quente para se divertir um pouco.” (LEAL, 2007, p. 69).

Essas personagens faziam questão, também, de levá-lo para todos os lados, com o intuito de colocar nele toda a culpa das artes que aprontavam, como podemos constatar no trecho destacado a seguir:

Ia dar um passeio no campo? Tinha que ser com Bento. Ia catar flores no mato? Chama o Bento. Estava cansada e precisava de alguém para levá-la nos braços até a casa? Bento, Bento, Bento. Eu já esperava o dia em que a senhorinha estivesse com dificuldade para urinar e chamasse o Bento para fazer xixi no lugar dela. (LEAL, 2007, p. 70).

O contato que o protagonista tem com essas crianças, Rodriguinho e Carolina, não é para brincar com elas, ao contrário, ele serve de brinquedo para elas, pois, fica evidente no discurso dessa narrativa híbrida de história e ficção a função de Tumbu na casa grande: “[...] era preciso fazer o que mandavam, na hora em que mandavam, sem reclamar e benfeito.” (LEAL, 2007, p. 71). Ao ser poupado da morte por um dos capatazes da fazenda, em uma situação em que a personagem Donana, a sinhá da fazenda, havia lhe ordenado “livrar-se” do menino, o protagonista foge desse cativeiro e relata: “[...] passei dois dias perdido no meio daquela selva, bebendo água de chuva, comendo todo tipo de folha, fruto e raiz que aparecia na frente e morrendo de medo dos sons dos bichos que ouvia à noite.” (LEAL, 2007 p. 85). Todo esse sofrimento tinha um propósito maior – o de encontrar seus pais. O relato evidencia que Tumbu também se preocupava com seus amigos, aqueles que deixou na aldeia africana, pois sabia que eles, da mesma forma, poderiam ser capturados pelos Aimimis e integrar o contingente de escravos africanos no Brasil ou em outra colônia na Índia ou na América. Entre todos, era em sua amada Uembu e no seu amigo Mukondo em quem mais pensava.

Na sequência do relato, após uma série de percalços vencidos, o garoto torna-se auxiliar de dois vaqueiros. Nessa companhia, passou-se mais de um mês e Tumbu já havia aprendido algumas coisas em sua nova situação, conforme relata no trecho extraído da obra: “[...] aprendi a montar em zebra sem listra, que eles chamavam de ‘cavalo’, e a conduzir os hipopótamos de chifre que, afinal descobri, tinham os esquisitíssimos nomes de ‘boi’ e ‘vacas’ e estavam sendo levados pelos dois [...]” (LEAL, 2007 p. 104). É por intermédio de uma dessas personagens, Joeisé, que a protagonista – após conseguir salvar o seu benfeitor da traição do colega que lhe desferiu um tiro e fugiu com todo o dinheiro e os animais que eles conduziam – chega mais próximo de seu objetivo. Joeisé recomenda a um conhecido seu de Recife, seu Manel, para se fazer cargo de Tumbu. O homem ficou admirado com o garoto, pois sabia ler, escrever, somar e falar adequadamente.

Segundo a diegese, já fazia quatro anos que o jovem Tumbu estava nessa terra estranha a procura de seus pais. Ele tinha crescido, seu corpo tinha se modificado e o seu dia a dia era de muito trabalho na casa de seu Manel. Com o tempo, ele foi mudando de função, porque tinha

habilidades com as palavras e os números. Passou, então, a controlar a entrada e a saída dos produtos e a efetuar as vendas, ou seja, ele lidava, diretamente, com as pessoas.

Tumbu recebia muitos elogios dos clientes e fazia tudo na loja, mas, mesmo assim, não era bem tratado, conforme se pode observar no seguinte excerto: “[...] vez por outra, chegava até mesmo a comer um bom pedaço de carne, quando Chuvisco [cachorro] por algum motivo, estava sem fome.” (LEAL, 2007 p. 146). Tumbu, certo dia, leu um anúncio que descrevia uma escrava à venda que tinha as características de sua mãe, falava sua língua e era da sua região, porém estava em outra cidade – Intapessuma. Ele trabalhou dobrado para conseguir o dinheiro para ir comprá-la. Ele conseguiu juntar a soma pedida, mas, quando passou diante do mercado de escravos, viu seu amigo Mukondo acorrentado. Tumbu quase não reconheceu seu melhor amigo. Tentou abraçá-lo, mas levou uma chicotada e o homem do chicote disse-lhe: “– saia daqui! Não é lugar de criança. Vais atrapalhar o freguês.” (LEAL, 2007 p. 155).

Tumbu, então, ouve o vendedor dizer ao freguês: “– ótima escolha, senhor. Negro como este o senhor não verá por aí. Forte, jovem, na flor da idade, na exuberância da força! [...] – Em um ano de trabalho recuperará o dinheiro investido [...]” (LEAL, 2007 p. 156-157). Para Tumbu, essa cena é mais dolorida, pois é uma criança que não vê seu melhor amigo há anos e não pode nem o abraçar, pois está sendo analisado para ser vendido, coisas que não se faziam nem com os animais de sua aldeia natal.

Tumbu não se conteve com a cena e ofereceu o dobro do valor que o senhor iria pagar por Mukondo. A proposta foi aceita. Chegando em casa, a personagem fez um acordo com seu Manel: deu seu dinheiro para ele e pediu-lhe que comprasse seu amigo e o alforriasse. Seu amigo Mukondo iria permanecer na casa, ajudando nos trabalhos sem receber salário. Feito o acordo, seu Manel o comprou.

Passaram-se três semanas e Tumbo soube que “negros rebelados” chegariam na cidade para serem enforcados à vista de todos, ou seja, era uma forma de amedrontar os escravos que pensassem em fugir da escravidão para morar em acampamentos escondidos na mata – os quilombos. Assim, esse acontecimento é relatado da seguinte maneira:

[...] o cair da tarde, com centenas de pessoas bisbilhotando de suas janelas, vimos o cortejo de soldados brancos arrastando em correntes negros sujos, ensanguentados e esfarrapados, que levavam ao enforcamento. O povo aplaudia, assobiava, xingava os prisioneiros, alegre com o espetáculo. (LEAL, 2007 p. 161).

Essa é uma cena que nos faz refletir sobre a tamanha crueldade que essas pessoas sofreram pelos colonizadores e, principalmente, os escravizados que tinham que olhar seu povo, seus familiares e seus amigos que poderiam ou estavam naquela situação. Para Tumbu foi ainda mais dolorido, pois seu pai estava naquela situação – todo machucado, nariz e lábios dilacerado

e muito magro – ele gritava pelo seu pai desesperadamente, mas foi contido pelos caçadores que o espancaram. Pela noite, Tumbu viu seu pai perdendo as forças, esperneando e perdendo a vida.

A dor de perder um pai é narrado no capítulo 19: “Sem pai”. A diegese mostra que a personagem Tumbu não pode nem chegar perto do corpo do seu pai. Ele estava arrasado, mas adquiriu forças para acumular mais dinheiro e tentar achar a sua mãe. Trabalhou sem descansar, fez crescer a loja de seu Manel, abrir outra e mandou construir um armazém na cidade de Recife.

Em uma noite solitária, no porto, ele viu uma velha negra, desdentada, vestindo andrajos, envergada sobre um cajado, os lábios trêmulos e dizendo: “– uma ajuda, ioiozinho... Uma ajuda peilamô de Deuse... Passo fome... Adoentada... Uma ajuda, ioiô... Um auxílio...” (LEAL, 2007 p. 175). O protagonista, Tumbu, ficou trêmulo e reconheceu que aquela era a sua mãe. Essa é uma cena, como a da morte do pai do protagonista, presente no relato de Leal (2007) que possibilita ao leitor, mesmo aos mais jovens, dimensionarem algumas das consequências que a forçada diáspora africana ao continente americano produziu entre os que foram submetidos a esse processo. Na potencialidade dessas descrições vemos que

[...] a literatura nos letrava e nos libertava, apresentando-nos diferentes modos de vida social, socializando-nos e politizando-nos de várias maneiras, porque nos textos literários pulsam forças que mostram a grandeza e a fragilidade do ser humano; a história e a singularidade, entre outros contrastes, indicando-nos que podemos ser diferentes, que nossos espaços e relações podem ser outros. O outro nos diz a respeito de nós mesmos – é na relação com o outro que temos oportunidade de saber de nós mesmos de uma forma diversa daquela que nos é apresentada apenas pelo viés do nosso olhar. (GOULART, 2007, p. 64-65).

As estratégias escriturais próprias do fazer literário que “nos letrava e nos libertava” aproximam o jovem leitor da realidade histórica e cultural desses sujeitos/personagens escravizados que foram forçados a se comunicarem em uma língua alheia à sua, ao menos para sobreviverem à fome, ao descaso e à inclemência da subjugação, como expressa a personagem ao mencionar “Uma ajuda peilamô de Deuse...”. Entre essas estratégias destaca-se, no fragmento da obra de Leal (2007) acima exposto, a heteroglossia, por exemplo. Esse recurso permite ao narrador deixar que as personagens, representantes da diáspora africana no Brasil – sujeitos escravizados –, possam se expressar fora dos padrões linguísticos impostos pelas regras gramaticais da língua portuguesa transplantada ao Brasil, como afirma Octavio Paz (1994) que ocorreu com as línguas europeias nas quais hoje nos expressamos.

O destino de muitos dos africanos escravizados e que viveram as adversidades de uma diáspora inclemente são expostos aos olhos dos jovens leitores brasileiros pela narrativa juvenil

híbrida de história e ficção de Leal (2007), como podemos observar no trecho destacada à continuação, no qual o protagonista relata a sina de sua mãe:

[...] após passar por infinitas misérias, devido aos muitos maus-tratos, adoeceu gravemente e já não serviu mais para o trabalho na lavoura, seus senhores tentaram vendê-la. Como não encontraram compradores, simplesmente a puseram no olho da rua, sem mais nem menos. (LEAL, 2007 p. 179).

A diegese nos mostra que, depois de ficar um dia inteiro com sua mãe, Tumbu contratou o melhor curandeiro e o melhor ajudante para cuidar dela e tudo mais do que ela quisesse. Ele estava muito feliz e planejava, agora, retornar para sua terra natal. Comprou a passagem e foi até o cais de Olinda. Enfim, após vários incidentes, ele conseguiu embarcar em um barco semelhante ao que o trouxe quando veio da África para o Brasil. O protagonista, nos momentos difíceis, sempre se apegava às palavras do seu avô, Buta, para não perder a esperança nas pessoas que ele amava.

O desfecho da diegese mostra o reencontro de Tumbu, já de volta a sua terra natal, com sua amada Uembu, que o esperava, todas as noites, no mesmo lugar onde tinham se visto pela última vez. Ao vê-lo, ela chegou mais perto dele, sorriu e lhe disse: “– por que choras e te espantas? Vim aqui todas as noites – disse Uembu.” (LEAL, 2007 p. 189). Mesmo apresentando um final bastante idealizado, a obra de Leal (2007) percorre pelos difíceis caminhos da diáspora africana rumo à escravização na colônia do Brasil, estabelecendo um percurso que não deixa de revelar ao jovem leitor brasileiro as mazelas, as dores, os sofrimentos, as perdas e as desilusões de milhões de sujeitos africanos escravizados – metaforizados na obra de Leal (2007) por meio da configuração de personagens metonímicas como Tumbu e seus pais e seus amigos Uembu, Mukondo, entre outros.

Por meio de leituras de narrativas híbridas de história e ficção do universo da literatura juvenil brasileira, como a que aqui propomos, revelamos que

[...] o texto literário tem muito a contribuir para o aprimoramento pessoal, para o autoconhecimento, sem falar do constante desvelamento do mundo e da grande possibilidade que a leitura de determinada obra oferece para o descortínio de novos horizontes para o homem, no sentido da formação e do refinamento da personalidade. (SILVEIRA, 2005, p. 16).

Ao lermos um relato híbrido de história e ficção como *Tumbu* (2007), de Marconi Leal é-nos possível vivenciar a experiência da humanização, conforme assinala Candido (1972, p. 805), que emana do texto literário, pois “[...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela.” É, pois, confiantes nessa potencialidade da literatura que a vemos como uma via de descolonização das mentes e do imaginário latino-americano.

Considerações finais

Pela leitura de *Tumbu* (2007), de Marconi Leal, conseguimos constatar que a literatura juvenil brasileira híbrida de história e ficção, escrita para jovens leitores, tem buscado meios de ressignificar, de modo crítico e questionador, alguns dos fatos relevantes de nosso passado colonial. Entre eles está o da diáspora africana que gerou, pela colonização do Brasil por Portugal, o processo de escravização de milhões de sujeitos, cuja individualidade, humanidade e dignidade foram violadas em todos os sentidos nesse processo.

Não deixando de atentar aos princípios que regem uma literatura para crianças e adolescentes – como a imaginação, a fantasia, o lúdico, o enfoque na voz da criança –, a escrita de Leal (2007) traz à tona muitas das problemáticas que transformaram a nossa sociedade brasileira em um conjunto estratificado de sujeitos a partir, em boa parte, dos ideais colonialistas de raça e gênero implementados e cultivados ao longo da colonização. O tom crítico da obra, as estratégias escriturais elegidas à tessitura do relato, a estrutura linear das ações narradas, entre outros aspectos aproximam essa obra de Leal (2007) das escritas híbridas de história e ficção críticas pensadas para o público adulto, denominadas por Fleck (2017) de romances históricos contemporâneos de mediação.

Tais produções literárias estão imbuídas dos ideais decoloniais da nova narrativa latino-americana hodierna que buscam evidenciar a necessidade de uma segunda descolonização – a intelectual, cultural, identitária, imaginária – nos países antes colonizados por Espanha e Portugal, que se preocuparam, ao longo dos séculos, em produzir o discurso da modernidade/civilidade que buscou justificar a colonialidade e ocultar, segundo defende Mignolo (2017), os procedimentos desumanos dessa ação.

Esse processo histórico da colonialidade, que se alicerçava sobre a superioridade de uns sobre outros, que é retratado na obra de Leal (2007), deixou, como é bastante perceptível em nossa sociedade, reminiscências que preservam as essências da colonialidade do poder (MIGNOLO, 2017a). Nesse contexto, a leitura e a escrita sempre foram meios de estratificação social e estiveram, historicamente, em poder das classes dominadoras. Elas serviram de ferramentas, meio e forma de manter a estrutura colonial vigente mesmo depois da descolonização político-territorial das colônias americanas. Esse fato demanda, em especial, das sociedades latino-americanas antes colonizadas pelas potências europeias, ações de descolonização intelectual, cultural e identitária que se revelam em ações decoloniais, conforme asseveram estudiosos como Mignolo (2017), Castro-Gómez e Grosfoguel (2005), entre outros.

A escrita de textos híbridos de história e ficção, que buscam dar novas perspectivas a esse passado colonial, na América Latina, é vista por nós como uma via privilegiada de descolonização de mentes e do imaginário latino-americano, enquanto a implementação de um processo de leitura nas escolas que incorpore essas produções é por nós concebido como um

passo à decolonialidade ainda necessária em nosso contexto atual. A formação de leitores, no espaço escolar, que se defrontem com outras visões, vozes e construções sobre o passado colonial dos países latino-americanos, prática capaz de levá-los à criticidade frente ao discurso hegemônico da história tradicional, demanda tempo e muito esforço, sendo, pois, um ato decolonial (CASTRO-GÓMES; GROSGOUEL, 2005).

Advogamos, assim, pela potencialidade dessas obras híbridas de história e ficção juvenis na formação de um futuro leitor crítico que, frente a questões como a diáspora africana – ficcionalizada na obra *Tumbu* (2007), de Marconi Leal – não se veja circundado apenas pelo discurso historiográfico oficial, produzido a partir da visão eurocêntrica do colonizador, mas possa, também, lançar mão de experiências de leitura que focalizam a subjetividade dos sujeitos escravizados e suas agruras e sofrimentos, como podemos vivenciar junto à personagem Tumbu ao ler os seus relatos que perpassam a diáspora africana.

Nesse sentido, “[...] a riqueza polissêmica da literatura é um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre em outros textos”, conforme defendem Aguiar e Bordini (1993, p. 15), pois o texto literário não necessita, na ressignificação do passado que empreende, ancorar-se em um discurso verídico, objetivo, calcado em fontes – segundo o discurso historiográfico tradicional buscou fazer ao longo dos séculos –, pois a convenção da verossimilhança, no qual seu discurso pode repousar, tem na construção da subjetividade a mesma força. Essa leva o leitor a se identificar com as personagens e com elas experienciar as vivências ficcionalmente criadas, a fim de possibilitar a construção imaginativa de possibilidade outras, como as relatadas pela protagonista Tumbu, na obra de Leal (2007).

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- CAMARERO, José. *Intertextualidad – Redes de textos y literaturas transversales en dinámica intercultural*. Barcelona: Anthropos, 2008.
- CANDIDO, Antônio. *A literatura e a formação do homem*. São Paulo: Ciência e Cultura, v. 24, n. 9, 1972.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global Bogotá*: Siglo del Hombre, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.
- FLECK, Gilmei Francisco. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – leituras da história pela ficção*: Curitiba: CRV, 2017.

- GOULART, Cecília. Alfabetização e letramento: os processos e o lugar da literatura. In: PAIVA, A. et all. (Orgs). *Literatura: saberes em movimento*. Belo Horizonte. Ceale Autêntica, 2007.
- KLOCK, Ana Maria. *O romance histórico no contexto da nova narrativa latino-americana (1940): dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem*. 2021. 331 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. UNIOESTE, Cascavel. 2021.
- LEAL, Marconi. *Tumbu*. Ilustrações de Dave Santana e Maurício Paraguassu. São Paulo: Editora 34, 2007.
- MATTOS, Regiane Augusto de. *História e cultura afro-brasileira*, 2. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade – o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 32, n. 94, p. 1-18, junho/2017b.
- MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. Tradução de Marcos de Jesus Oliveira. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, PR, 1(1), p. 12-32, 2017a.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: teoria e crítica*. São Paulo: Edusp, 2000.
- NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno; SAMPAIO Sonia Maria Gomes. Olhares literários sobre as amazônias: pós-colonialismo/ decolonialismo, identidades e memórias no mar de águas doces. In: CAPAVERDE, Tatiana da Silva.; AMARO, Luiz Eduardo Rodrigues; NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno (Orgs.). *Perspectivas literárias pós-coloniais*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020. 285 p.: il. – (Coleção Discipuli; v. 2).
- PAZ, Octavio. La Búsqueda Del Presente. In: SKIRIUS, John. (Compilador). *El ensayo hispanoamericano del siglo XX*. 3. ed. México D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1994. pp. 431-442.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p.105-127.
- ROCHA, Niel. *A educação quilombola e a reprodução cultural afrodescendente*. Maringá: Viseu, 2018.
- SILVEIRA, Maria Inez Matoso *Modelos Teóricos e Estratégias de Leitura: suas implicações no ensino*. Maceió: EDUFAL, 2005.